

Tabu, Interdito e Transgressão: um estudo sobre expressões freudianas n’*O erotismo* de Georges Bataille¹

Taboo, Interdict and Transgression: an essay on freudian expressions in The eroticism of Georges Bataille

Tabú, Interdicto y Transgresión: un ensayo sobre las expresiones freudianas en El erotismo de Georges Bataille

Francisco Atualpa Ribeiro Filho²

Resumo

Filho, F. A. R. Tabu, Interdito e Transgressão: um estudo sobre expressões freudianas n’*O erotismo* de Georges Bataille. *Rev. C&Trópico*, v. 49, n. 1, p. 31-56, 2025. Doi: 10.33148/ctripico.v49i1.2405

Este estudo discutiu a confluência das teorias de Sigmund Freud (1856-1939) e Georges Bataille (1897-1962), iniciando com a obra *O erotismo* (2017b) de Bataille e analisando-a à luz dos textos de Freud *Totem e tabu* (2012) e *O futuro de uma ilusão* (2014). O propósito principal deste estudo foi entender a relação entre a influência freudiana e a teoria de Bataille, permitindo a formulação de uma visão educacional transgressiva. Quando essas visões se cruzam, observou-se que Freud e Bataille não só se completam, mas se desafiam reciprocamente. Freud propõe uma perspectiva mais conservadora, focada na preservação do equilíbrio social, ao passo que Bataille investiga o potencial subversivo dos comportamentos transgressores, pondo em dúvida a estabilidade das regras definidas. Ambos proporcionam recursos para a avaliação crítica dos sistemas simbólicos que influenciam as interações humanas. Ao vincular as ideias de Freud e Bataille, pode-se desenvolver uma abordagem pedagógica que valorize a transgressão como um catalisador para questionamentos e transformações, sem negligenciar a relevância do interdito como componente estruturante das interações sociais. Portanto, a escola se transforma em um ambiente para questionar preconceitos e convicções restritivas, incentivando a procura por significados que vão além das estruturas normativas.

Palavras-chave: Tabu; Interdito; Transgressão; Freud; Bataille.

Abstract

This study discusses the convergence of the theories of Sigmund Freud (1856-1939)

¹ Este estudo foi inspirado na pesquisa de mestrado em Filosofia, intitulada: “As manifestações da barbárie no ambiente escolar: o encontro entre a educação emancipadora de Theodor Adorno e a literatura transgressora de Georges Bataille como práxis filosófico-literária”.

² Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: farf25@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2256-4336>

and Georges Bataille (1897-1962), starting with Bataille's work *The eroticism* (2017b) and analyzing it in light of Freud's texts *Totem and taboo* (2012) and *The future of an illusion* (2014). The main purpose of this study was to understand the relationship between Freudian influence and Bataille's theory, allowing for the formulation of a transgressive educational vision. When these views intersect, it is observed that Freud and Bataille not only complement each other but also challenge each other reciprocally. Freud proposes a more conservative perspective, focused on preserving social balance, while Bataille investigates the subversive potential of transgressive behaviors, questioning the stability of established rules. Both provide tools for critically assessing the symbolic systems that influence human interactions. By linking the ideas of Freud and Bataille, one can develop a pedagogical approach that values transgression as a catalyst for questioning and transformation, without neglecting the relevance of the interdiction as a structuring component of social interactions. Therefore, the school becomes a space for questioning prejudices and restrictive convictions, encouraging the search for meanings that go beyond normative structures.

Keywords: Taboo; Interdiction; Transgression; Freud; Bataille.

Resumen

Este estudio discute la convergencia de las teorías de Sigmund Freud (1856-1939) y Georges Bataille (1897-1962), comenzando con la obra *El erotismo* (2017b) de Bataille y analizándola a la luz de los textos de Freud *Totem y tabú* (2012) y *El futuro de una ilusión* (2014). El propósito principal de este estudio fue entender la relación entre la influencia freudiana y la teoría de Bataille, permitiendo la formulación de una visión educativa transgresora. Al cruzar estas visiones, se observa que Freud y Bataille no solo se complementan, sino que también se desafían mutuamente. Freud propone una perspectiva más conservadora, centrada en la preservación del equilibrio social, mientras que Bataille investiga el potencial subversivo de los comportamientos transgresores, poniendo en duda la estabilidad de las reglas establecidas. Ambos proporcionan recursos para la evaluación crítica de los sistemas simbólicos que influyen en las interacciones humanas. Al vincular las ideas de Freud y Bataille, se puede desarrollar un enfoque pedagógico que valore la transgresión como un catalizador para el cuestionamiento y la transformación, sin descuidar la relevancia de la prohibición como componente estructurante de las interacciones sociales. Por lo tanto, la escuela se convierte en un espacio para cuestionar prejuicios y convicciones restrictivas, fomentando la búsqueda de significados que van más allá de las estructuras normativas.

Palabras clave: Tabú; Interdicto; Transgresión; Freud; Bataille.

Data de submissão: 26/11/2024

Data de aceite: 22/04/2025

1 À GUISA DE INTRODUÇÃO

Os escritos de Bataille fomentam o exercício crítico e transgressivo de normas irrefletidas, disseminadas culturalmente como verdades absolutas. Um exemplo dessas narrativas pode-se perceber na indiferença sobre questões sensíveis como: racismo, virgindade, bullying, machismo, homofobia, sexualidade, gravidez precoce, depressão e suicídio. Seu estilo expressa a condição humana por meio de metáforas, alusões e diálogos com outras áreas de conhecimento como história, biologia, psicanálise e antropologia o que sugere reflexões, inclusive no âmbito educacional, que proporcionem o reencontro e ressignificação da filosofia com outras formas de filosofar para além dos manuais.

O drama do parricídio, o tabu da castidade antes do casamento, a aversão e horror ao incesto, sentimento de culpa, interiorização dos interditos são questões suscitadas por Bataille sob influência freudiana. Os estudos como *Totem e tabu* (publicado originalmente em 1913) e *O futuro de uma ilusão* (publicado em 1927), contribuíram no entendimento conceitual batailliano. Tais questões repousam nas análises de Freud sobre os impactos do fenômeno religioso que visam descobrir como a moral e suas interdições se edificaram no corpo social. Com isso, na medida em que a religião e o desejo entre os homens de dominar uns aos outros conseguiram afetar instituições como a família, se intensificou o processo de solidificação do ordenamento das leis e dos costumes.

A influência de Freud na obra *O erotismo*, de Bataille, publicada em 1957, constata-se quando o francês reflete sobre os hominídeos, tendo como pressuposto o interdito universal, a violência, e sua oposição à liberdade

animal da vida sexual. Bataille percebeu o interesse dos homens pela atividade sexual devido à análise de imagens itifálicas que evidenciaram liberdade considerável se comparadas com as atuais.

O trabalho, por sua vez, estabilizou a vida humana ao impor um controle sobre todos os aspectos de sua existência, marcando-os com o estigma da norma. De outro modo, “em oposição ao trabalho, a atividade sexual é uma violência; que enquanto impulso imediato ela poderia atrapalhar o trabalho: uma comunidade laboriosa, no momento do trabalho, não pode permanecer à sua mercê” (Bataille, 2017b, p. 74). Georges Bataille, assim como Freud, evidencia que desde a origem, o homem se viu obrigado a regular sua sexualidade, sendo o trabalho o primeiro condicionante para o surgimento desse interdito. Portanto, o que ocorre consiste na interrupção do prazer em prol de uma atividade alheia ao ser humano em benefício de um sistema.

Para elucidar essa abnegação do prazer, Bataille utiliza chaves conceituais freudianas e envereda no campo da biologia. Na reprodução sexual, há uma perturbadora passagem do descontínuo³ (mortalidade) ao contínuo (imortalidade), visto que “o espermatozoide e o óvulo são, em seu estado elementar, seres descontínuos, mas se unem e, em consequência, uma continuidade se estabelece entre eles para formar um novo ser a partir da

³ O dilema entre a continuidade e a descontinuidade na obra de Bataille serve para pensar sobre a transgressão, a mística e a experiência humana. O autor associa essas duas categorias para traduzir sua análise sobre os fatores que impactam no erotismo e em sua noção de gasto. De outro modo, a repetição, a previsibilidade, a moralidade, o desejo pela imortalidade simbolizam a realidade cotidiana, onde a vida segue uma sequência lógica e disciplinada. Já a dinâmica descontínua se expressa no âmbito do prazer sexual, da morte, das incertezas, da angústia momento em que a continuidade do ser se dissolve em um excesso que desafia a ordem e a lógica. Em seu livro *A história do olho* (2018) Bataille ilustra, utilizando diversas imagens escatológicas, esse dilema por meio de imagens que revelam a transgressão sexual e a violência, mostrando personagens que, ao se entregarem ao excesso, rompem com as convenções sociais e experimentam uma forma extrema de liberdade. Nesse sentido, a obra representa uma busca pela “experiência de ruptura”, onde o descontínuo (o caos, a intensidade, o excessivo) invade o contínuo (a vida cotidiana, a moralidade, a sensação de imortalidade).

morte, da desapropriação dos seres separados”, isto é, ao se encontrarem as células reprodutivas, constituem um novo ser, o embrião, compondo uma união que foi fruto da morte de dois seres (Bataille, 2017b, p. 38). A partir da ruptura entre dois seres descontínuos, instaura-se a vida enquanto movimento que, oscilando entre a solidão e a queda no abismo da finitude, expõe a condição trágica do ser. A persistência da descontinuidade se consolida por meio da instituição de interditos — da morte, do trabalho e da sexualidade reprimida — que delimitam a separação ontológica entre o homem e o animal, inscrevendo o primeiro no domínio do “mundo profano”. Nesse processo, o ser humano é arrancado da continuidade animal e se constitui enquanto sujeito da consciência: trabalha, reconhece sua própria morte e converte a sexualidade desprovida de vergonha numa experiência marcada pela proibição e pelo interdito, de onde decorre o erotismo. Essa normatização da vida visa a assegurar a conservação do ser, a estabilidade social e a contenção da violência imanente à sua natureza (Bataille, 2017b).

2 EXCESSO E GASTO DE ENERGIA

A tese de que o ser é excesso⁴ do próprio ser, sustenta o desejo de continuidade que o homem possui. O excesso é intrínseco ao descontínuo por ser excesso dele mesmo e experimenta-o violentamente. Para Bataille os

⁴ O excesso para Bataille é o fundamento de tudo que existe já sendo, porém, a linguagem é limitada para expressar a totalidade do ser, mesmo diante do discurso racional. Ao compreender que o ser é o próprio excesso do ser, tudo o que é exuberante e perpassa qualquer arranjo preestabelecido por ditames racionais. O ser apresenta apatia e insignificância, ele é “também o excesso do ser, elevação ao impossível. O excesso conduz ao momento em que a volúpia, superando-se, não é mais reduzida ao dado sensível – em que o dado sensível é negligenciável em que o pensamento (o mecanismo mental) que comanda a volúpia se apossa de todo o ser” (Bataille, 2017b, p. 201). Assim, para que o excesso exista, é necessário ser negado e é, por isso, que a tradição reclamou a razão como princípio ordenador da vida, devido à natureza indomável da animalidade do homem.

aspectos transgressivos não seguem as regras do interdito, mas o supera e o completa, pois a violência ultrapassa a agressividade selvagem e assume racionalmente as ações, dispondo a sabedoria a serviço da violência. Ao incorporar a violência aos rituais sagrados os líderes religiosos cumpriram com os requisitos para conquistar determinada graça. Por isso, que nas cerimônias religiosas primitivas a transgressão constitui o seu fundamento.

Embora não seja objeto de análise central deste estudo, é notória a influência freudiana no conceito de excesso proposto por Bataille, que está presente de forma mais contundente na obra *A parte maldita* publicada em 1949. Sobre a convergência com a psicanálise vem à baila o ensaio *Os instintos e suas vicissitudes*, de 1915, onde Freud, conforme Forte (2010), expõe a ideia de pulsão como uma força contínua, uma pressão incessante que age sobre o psiquismo humano. Esse aspecto de força sugere o conceito de excesso inerente à pulsão, mesmo antes de Freud desenvolver a ideia mais radical de “pulsão de morte”, que explora a tendência autodestrutiva da psique e a busca pelo retorno a um estado de calma absoluta.

Enquanto no pensamento de Bataille o excesso de energia é esgotado por meio de gastos improdutivos, como rituais e celebrações, em Freud esse excesso pulsional é descarregado energeticamente, direcionando-se à busca da satisfação. Para Freud, a pulsão encontra alívio quando o excesso de energia é liberado, reduzindo ou cessando a tensão.

Rufino (2021) observa que o conceito de excesso na visão batailliana repousa sob duas categorias, a excreção e a apropriação, que fazem parte do ciclo de produção nas sociedades de consumo. A “patologia social” ligada ao excesso de excreção surge quando a produção ultrapassa o que pode ser consumido, resultando em desperdício. Esse ciclo de produção e consumo,

tanto para os indivíduos quanto para as sociedades capitalistas, é autossustentado e se completa em si mesmo: sem produção, não há consumo. No entanto, quando há produção em excesso, ela gera bens que não serão consumidos (eles são consumíveis, mas não o serão, por isso serão inúteis), tornando-os inúteis ao ciclo. Bataille identifica esses elementos como “heterogêneos”.

A lógica do gasto, sob o olhar atento de Joron (2013), pode resultar em desperdício, sobras e lixo que acabam se tornando intrusos ao ciclo de produção capitalista e provocam repulsa. Sistemas homogêneos e estáveis estão sempre sob a ameaça de forças heterológicas, que perturbam seu equilíbrio, ou seja, o diferente, o que não se adequa deve ser “jogado fora”. Bataille apresenta uma visão sociológica da abjeção que se afasta de uma abordagem existencial ou biológica e observa como esse excesso afeta a sociedade.

Essa visão de heterologia pode ser observada no ambiente escolar quando jovens são excluídos do sistema educacional por não conseguirem atender às suas exigências. Muitos precisam trabalhar para prover o sustento de si mesmos ou de suas famílias e, por isso, não conseguem se dedicar aos estudos, sendo assim “excretados” pelo sistema. Da mesma forma, a exclusão ocorre quando estudantes engravidam e se veem impedidas de continuar os estudos, tanto pelas dificuldades impostas pela nova realidade quanto pelo estigma de colegas e professores, que muitas vezes têm uma visão inflexível sobre adaptar o ambiente escolar às adversidades da vida. Para Bataille, esses jovens representam o “heterogêneo” no contexto escolar – elementos que não se ajustam à estrutura “homogênea” do sistema educacional, que tem dificuldades para incorporar ou apoiar aqueles que

vivem fora do padrão considerado ideal para a produtividade acadêmica.

Esse princípio de “perda” e “gasto” também se reflete na ideia de erotismo em Bataille, o qual envolve uma destruição simbólica do “objeto-coisa” em que o ser humano se transformou ao entrar no mundo do trabalho. Para Bataille, o erotismo é uma força de ruptura que visa destruir a ilusão de permanência imposta pelo trabalho e pela ordem social, permitindo a experiência erótica, entendida como uma forma de transgressão e libertação da energia contida. O erotismo, portanto, é uma violência contra a estabilidade e a duração, uma busca por atingir a liberdade das amarras da vida produtiva.

Freud (1915) descreve um excesso de estímulos corporais que gera uma tensão interna, buscando alívio por meio da satisfação. Essa tensão é insistente e perturbadora, exigindo, portanto, um escoamento. Fortes (2010) esclarece que ambos os autores convergem na ideia de que o ser humano lida com um excesso que, em Freud, necessita de um alívio para alcançar o equilíbrio psíquico e, em Bataille, se manifesta por meio da destruição e do “gasto” como forma de escapar das limitações impostas pela vida disciplinada e produtiva.

3 TRANSGRESSÃO, TABU, INTERDITO

De volta ao tema da transgressão, tal como se observa na leitura de Didi-Huberman (2015, p. 28), a transgressão na ótica batailliana não se limita ao “não! da criança que bate o pé”, mas “transgressão da forma”, ou seja, consiste em subverter os tabus ou interditos, as convenções sociais, “não é uma recusa, mas abertura de um corpo a corpo, de uma investida

crítica, no próprio lugar daquilo que acabará, num tal choque, transgredido”. A transgressão estreia o “mundo sagrado”, esquiva-se e resiste à racionalidade instrumental e à utilidade características do mundo do trabalho-profano. A transgressão opõe-se à violência animalesca, à guerra, à ignorância, ao acúmulo de bens materiais, é responsável por movimentos vacilantes. Estes movimentos constituem experiências-limite — como o erotismo, o sacrifício, a festa, a arte e a morte — em que o ser humano transgride os interditos e momentaneamente dissolve sua descontinuidade, tocando a continuidade do ser.

O que se pode considerar consiste no pertencimento mútuo entre interdito e transgressão, cujo relacionamento se assemelha com o de amantes e partícipes da existência do outro. O homem cria ilusões ao pensar conseguir aplacar a natureza com a força de sua racionalidade e edificação de sanções, mas promove o oposto, alimenta a violência que pensou destruir. Essa criação de manifestações soberanas e sagradas consiste para Bataille no hasteamento do excesso por meio da transgressão erótica, da desestruturação da ordem descontínua e das formas subjetivas que movem o corpo social. Essa efervescência corpórea provoca a erupção da morte quando os seres individuais se encontram física ou espiritualmente, seu arrebatamento se dá quando o êxtase dessa relação violenta toca o excesso e ultrapassa a cristalização racional com o uso da própria razão.

Observa-se essa chave conceitual e sua expressão freudiana no pensamento de Bataille, haja vista que a transgressão, para Freud, está intrinsecamente relacionada com o modo como a civilização lida com os desejos reprimidos, os impulsos inconscientes e a necessidade de controlar a agressividade humana. As aproximações do conceito de transgressão entre

Freud e Bataille se revelam no processo de rompimento das convenções sociais.

A transgressão na perspectiva freudiana, entretanto, está frequentemente associada aos atos perversos – leva o indivíduo a uma forma de neurose ou perturbação psicológica –, isto é, se relaciona aos impulsos de satisfação de desejos reprimidos, em grande medida, no campo da sexualidade, que é marca da teoria freudiana. Determinada atitude transgressiva pode ser concebida como desafiadora dos limites do “superego” (a instância psíquica que representa as normas internalizadas da sociedade), e ao fazer isso, a pessoa pode ser considerada “perversa” do ponto de vista moral ou social. Quando uma pessoa viola essas normas de maneira explícita, ela pode estar expressando uma forma de perversão, ou seja, a busca por prazer ou satisfação que está fora das convenções morais.

Sobre esse aspecto, Freud evidencia que a subversão de um tabu (proibições ou regras sagradas) gera no agente a formação do “sentimento de culpa” pelo ato transgressivo cometido o que provoca a interiorização da moralidade, haja vista que o indivíduo “quebra” as regras em um gesto de libertação do inconsciente. No processo de formação da norma, sendo o tabu seu embrião, concebe-se uma consciência primitiva e, esta, ao ser negligenciada transforma-se em uma consciência moral mais complexa, associando a culpa à transgressão como revela o trecho:

Se não estamos errados, a compreensão do tabu também lança luz sobre a natureza e a gênese da consciência moral [Gewissen]. Podemos falar, sem esticar os conceitos, de uma consciência do tabu [Tabugewissen] e uma consciência de culpa do tabu [Tabuschuldbewusstsein], após a transgressão do tabu. A consciência do tabu é provavelmente a mais antiga

forma que encontramos do fenômeno da consciência (Freud, 2012, p. 73).

Para Bataille, o ato transgressivo, além de romper com as estruturas fixas da cultura, quebra as interdições e nos coloca em contato com uma sensação de angústia e culpa – sentimentos que, paradoxalmente, são essenciais para a experiência do erotismo (Silva, 2022). Para Bataille, a transgressão não pode ser concebida somente como ato de desobediência, deve ser entendida como um momento de intensificação do desejo e da liberdade, cuja intenção consiste em promover a busca pelo prazer ultrapassando as fronteiras do permitido.

Um leitor apressado, contudo, pode inferir que a transgressividade em Bataille confunde-se com a violência animalesca; todavia, ela é vivenciada por um ser consciente. Na visão de Noys (2000, p. 135) o texto batailliano

requer uma leitura cuidadosa e crítica porque se torna fácil assimilar Bataille a uma cultura de violência, e muitas vezes as “celebrações” de Bataille fazem exatamente isso. No entanto, ao quebrar os tabus (violentamente impostos) sobre a violência, Bataille não pretende aumentar a violência, mas examinar como esses tabus rígidos geram sua própria violência⁵.

As interpretações sobre o pensamento de Bataille são as mais diversas e em muitos casos tangenciam para um cenário de obscenidade e pornografia o que prejudica a divulgação de sua teoria. O francês desafia a ordem psicanalítica e ressignifica o conceito de transgressão conferindo caráter edificante, caminho para a liberdade radical, relacionando-o com o

⁵ Tradução nossa do original: This requires careful and critical reading because it becomes easy to assimilate Bataille to a culture of violence, and all too often ‘celebrations’ of Bataille do just that. However, in breaking the (violently imposed) taboos on violence Bataille is not aiming to increase violence but to examine how these strict taboos generate their own violence (Noys, 2000, p. 134).

desejo de romper com as normas para acessar uma experiência intensa e autêntica, que ele associa ao erotismo, ao sagrado, ao êxtase e à morte.

O sagrado em Bataille (1987; 2017a) não deve ser confundido com as imagens totêmicas e celestiais convencionais que a perspectiva freudiana critica, o que significa dizer que o sagrado surge justamente do que é proibido e marginalizado pela sociedade, e a transgressão permite acessar esse lado sombrio e marginal, criando uma espécie de “sacralidade invertida”. O sentido de “invertida” vem do fato de que, enquanto o sagrado tradicional está relacionado à ordem, à purificação e à preservação, o sagrado de Bataille está ligado ao caos, ao desejo, à morte e à violência.

Ao estabelecer conexão com o ambiente de uma sala de aula essa inversão do sagrado se evidencia no incentivo de atividades que reflitam sobre temáticas controversas como tabus religiosos, o problema do essencialismo que repercute significativamente no gênero e tabus culturais como a questão da virgindade, permitindo que os estudantes se envolvam com esses temas de forma mais profunda, sem medo de represálias e julgamentos por parte do docente ou de desviar da norma curricular estabelecida. Essa inversão implica ainda na promoção de um ambiente mais horizontal, onde os estudantes participem da elaboração do plano de aula ou do currículo escolar.

No erotismo, como afirma Bataille (2017b, p. 55): há “o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde [...] Eu me perco”. Da mesma forma, em uma interação educativa, entre professor e estudante, os envolvidos se “perdem” um no outro, engajados em uma relação marcada pela

espontaneidade e fluidez. Esse processo, desprovido de pressões por resultados, abre espaço para um diálogo genuíno e desarmado de quem detém mais conhecimento ou de quem irá ganhar a discussão.

Segundo Elaine Robert Moraes (2017), o movimento do erotismo conduz sempre a um mesmo desfecho: uma espécie de convulsão interior, independentemente de sua origem — seja o desejo sexual, a paixão amorosa ou mesmo a fé religiosa. Ele está ligado à transgressão da integridade dos corpos, à profanação das identidades fixas e à dissolução da ordem subjetiva e singular, marcada pela descontinuidade. Para Bataille, o erotismo é uma evasão dos limites, uma suspensão das oposições entre *eros* e *thanatos*, permitindo que o acaso conduza o jogo rumo ao excesso e à experiência da continuidade.

Bataille (2017b, p. 35) afirma: “do erotismo, é possível dizer que é a aprovação da vida até na morte” e a superação dos limites possíveis. Por isso, com o abalo pelo movimento erótico do comando da descontinuidade, da solidão, que separa um ser de outro, surge um ponto paradoxal: sofremos, frustram nossas expectativas, pois, ansiamos a imortalidade, mas não podemos alcançá-la devido ao isolamento dos seres descontínuos: nós.

Outro aspecto importante consiste nas produções de narrativas que o homem criou para instituir proibições seja no vestir, na alimentação, em determinadas palavras e ações, sobretudo sexuais. Ao analisar as relações sociais ligadas aos tabus, Freud (2012) constatou que nessas culturas a estrutura social é organizada de maneira que os filhos, ao matarem simbolicamente o pai, buscam eliminar aquele que, possuidor de poder sobre eles, tinha acesso exclusivo a todas as mulheres. Esse gesto originou uma organização social conhecida como clã fraterno totêmico, onde o ritual

do banquete representa a repetição simbólica do parricídio. Por isso, essa reflexão faz-se necessária para a construção colaborativa de argumentos que possam contribuir no processo de desmitificação de certos paradigmas que ameaçam a imaginação.

As tribos australianas se dividiam por hordas, cada uma sendo classificada de acordo com seu totem. Entende-se por totem: “via de regra é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água), que tem uma relação especial com todo o clã” (Freud, 2012, p. 12). O totem não se vincula a uma comunidade, a uma região, mas a grande questão consiste na proibição de relações sexuais eventuais ou maritalmente com membros do mesmo totem. Caso haja consumação carnal, independentemente da geração de filhos, os envolvidos serão perseguidos e mortos antes que contaminem outros da tribo. Portanto, a exogamia totêmica tem status de norma sagrada, cuja criação tem seus motivos nos costumes, assim “o sistema do totem, como sabemos, é a base de todas as demais obrigações sociais e restrições morais da tribo”, tendo como alvo a “prevenção do incesto” (Freud, 2012, p. 18).

Enquanto em Freud o tabu está ligado intimamente à questão sexual, ao casamento ou à distribuição de mulheres, em Bataille (2017b, p. 75) não importa se o objeto do interdito agrida, ou qual forma assuma, a proibição do incesto ou qualquer outro “quer estejam em questão a sexualidade ou a morte, é sempre a violência que é visada, a violência que apavora, mas que fascina”. O incesto na perspectiva batailliana também é visto como algo horrível, e ainda menciona outros interditos como o sangue menstrual e o sangue do parto: “esses líquidos são tidos como manifestações da violência interna” (Bataille, 2017b, p. 77). Por conseguinte, esses tabus são

acentuados sobretudo na era medieval, quando a Igreja ditava como os casais deviam se comportar durante e depois do ato sexual. Os ritos iniciais do casamento, como o direito à primeira noite revela sentimentos embaraçosos, ou seja, a vergonha contagia o casal e a timidez torna estranho o momento para o objeto de desejo, a mulher. Porém, “a atividade sexual, ao menos quando se tratava de estabelecer o primeiro contato, era evidentemente tida por interdita, e perigosa, não fosse a força possuída pelo soberano, pelo sacerdote, de tocar sem demasiado risco nas coisas sagradas” (Bataille, 2017b, p. 135). Assim, o interdito da carne, na noite de núpcias envolvia dor, violência, sangue e transgressão e, desse modo, a permissividade do contato era delegada aos nobres e sacerdotes.

Para entender acerca da interação transgressão-tabu, é necessário elucidar como essas práticas refletem nos personagens: o chefe primitivo e a figura paterna. Diante disso, há uma relação temerária entre o membro com seu chefe e da criança com o pai. A “pulsão de morte” traz consigo o desejo mortal de ser o líder e poder repetir tudo que o pai, iguaria do banquete, realizava. A ambivalência do tabu pode ser notada com a proibição, o medo em transgredir, que se encontra no consciente, mas pode ser entendida como o desejo de se contaminar. A expiação, ritos cerimoniais de iniciação são mecanismos de defesa contra a tentação que está na base da transgressividade das proibições.

Em virtude disso, persiste a sacralidade e a impureza no “indivíduo que violou um tabu”, sendo que a pessoa “torna-se ela mesma tabu, porque tem o perigoso atributo de tentar outros a seguir seu exemplo. Ele provoca inveja; por que lhe deveria ser permitido o que a outros é proibido? Ele é, portanto, realmente contagioso” e deve ser segregado para evitar que outros

se contaminem (Freud, 2012, p. 40). Portanto, a mortificação da transgressão do tabu se dá também no horizonte interno. Devido à consciência moral dessa subversão cultural, é estabelecido o sentimento de culpa, pois “todo aquele que tem uma consciência moral tem de perceber em si a legitimidade da condenação, a censura do ator consumado”, em consequência disso, pode-se falar que “o tabu é um mandamento da consciência, sua violação faz surgir um terrível sentimento de culpa, que tanto é evidente em si como de procedência desconhecida” (Freud, 2012, p. 74).

Exemplo dessa repulsa, isolamento e sentimento de culpa percebe-se quando os estudantes descobrem que determinada adolescente está grávida. Julgam-na imediatamente de irresponsável por ter cometido relação sexual desprotegida ou de forma mais perversa a rotulam de “fácil”. Em muitos casos, observa-se a exclusão da jovem como se estivesse contaminada com alguma doença contagiosa. Além dessas situações que demonstram insensibilidade diante da transgressão desse interdito – “virgindade” –, evidencia-se além do machismo explícito, inclusive por parte das jovens, ausência de respeito e solidariedade, haja vista que essas recriminações por estar grávida recaem somente na mulher e a figura paterna é esquecida. Outro aspecto que ilustra as reflexões de Bataille e Freud incide sobre o ciclo de relações dessa adolescente, tais pessoas são cúmplices e destinadas também à exclusão. Devido a esse clima opressivo e indiferente, a jovem em muitos casos abandona os estudos.

A compreensão sobre o tabu, interditos e transgressão é fundamental no processo de autoemancipação, pois, ao esclarecer os motivos pelos quais existem determinadas normas e costumes socioculturais que violentam

identidades, pode-se pensar sobre como homens e mulheres se isentam de suas responsabilidades ao praticarem determinada violência moral, física ou psicológica, delegando a culpa por esses atos ao destino, às entidades religiosas e/ou aos outros.

É válido discutir a terceirização dos problemas que acometem a existência e a pressão religiosa imposta à civilização. Ao analisar o confronto direto entre religião e civilização, em *O futuro de uma ilusão*, Freud (2014, p. 190) pretendeu observar “até onde – é possível reduzir o fardo dos sacrifícios instintuais impostos aos seres humanos, reconciliá-los com aqueles que inevitavelmente permanecem e compensá-los por isso”. No entanto, existem dois motivos para a solidez da coação civilizatória: homens não são amantes do trabalho e suas paixões são mais fortes que o pensamento. Freud (2014, p. 194) destaca três desejos como válvulas de escape: canibalismo, incesto e o prazer de matar. “Ainda podemos sentir a força dos desejos incestuosos por trás de sua proibição, e o assassinato, em determinadas circunstâncias, ainda é praticado e até mesmo ordenado por nossa cultura”. As compensações para o volume de sacrifícios realizados em prol da vida em comum são concebidas nas formas artísticas, religiosas ou em inovações tecnológicas.

Freud refletiu sobre o enfrentamento do indivíduo diante da pressão civilizacional o qual paga um alto preço por suas erupções instintuais. O homem primitivo via a natureza como uma entidade toda poderosa, como um pai, ou seja, quando um desastre natural ocorre, o homem reage. Assim acontece com o recém-nascido que almeja proteção e em outro momento teme a figura paterna. O homem civilizado⁶ assume certa tendência em

⁶ Este termo, homem civilizado, normal, de cultura, surge em Freud e Bataille como aquele que se

humanizar a natureza, mas com o passar dos séculos “foi precisamente por causa desses perigos com que nos ameaça a natureza que nos juntamos e criamos a cultura, que se destina, entre outras coisas, a tornar possível nossa vida em comum” (Freud, 2014, p. 199). A tarefa crucial da cultura consiste em promover a defesa contra as forças asfixiantes da natureza. Dessa maneira, convencionou-se socialmente a crença de que pessoas irão adoecer caso não confiem sua vida em determinações de gurus, visto que as “concepções religiosas se originaram da mesma necessidade que todas as demais conquistas da civilização, da necessidade de proteger-se do opressivo poder superior da natureza” (Freud, 2014, p. 205). Com isso, sobre as justificativas dos religiosos diante de questionamentos que possam abalar sua confiança, costumam alegar que pertencem a uma doutrina e, para tanto, merecem respeito. Informa Freud (2014, p. 210):

Quando perguntamos em que se fundamenta sua reivindicação de que as pessoas acreditem neles, recebemos três respostas que, curiosamente, não se harmonizam muito bem entre si. Primeiro, são dignos de fé porque nossos ancestrais já acreditavam neles; em segundo lugar, possuímos provas que nos foram transmitidas dessa mesma época pré-histórica; por último, é simplesmente proibido questionar essa comprovação. Antes esse atrevimento era punido com as mais severas penas, e ainda hoje a sociedade não gosta de vê-lo renovado.

A radicalização desses posicionamentos manifesta-se nas proibições literárias do *Index Prohibitorum*. As fogueiras do Santo Ofício e as torturas

distanciou da animalidade, ou seja, o indivíduo que absorveu os parâmetros que conduziram a humanidade como a liturgia religiosa, a arte, a racionalidade, o desenvolvimento e utilização de ferramentas. Aquele que é avesso a qualquer forma de estranheza e ideia que possa agredir o sistema homogêneo ao qual pertence.

da Inquisição foram judicializadas em nome de Deus, sob a justificativa de preservar a ordem e os bons costumes. Freud (2014, p. 226) observa que os “Dez Mandamentos” foram atribuídos à divindade como forma de legitimar a submissão: “com sua pretendida santidade, também desapareceria a rigidez e a imutabilidade desses mandamentos e leis. Os homens poderiam compreender que estes são criados não tanto para dominá-los, mas para servir a seus interesses.” Diante disso, em vez de odiar os mandamentos, os indivíduos poderiam aperfeiçoá-los, evitando a revolta e buscando uma reconciliação com os atritos culturais, reconhecendo o interdito não como uma imposição arbitrária, mas como uma construção histórica dotada de sentido. Por outro lado, a formação religiosa preserva práticas de interdito como ilusões coletivas, destinadas a amortecer os impulsos instintivos — especialmente o desejo carnal —, reiterando uma lógica de controle simbólico que estrutura e limita a experiência humana.

A crítica de Bataille (2017b, p. 143) ao cristianismo corrobora a análise freudiana, pois “a religiosidade primitiva extraiu dos interditos o espírito da transgressão. Mas, no conjunto, a religiosidade cristã se opôs ao espírito da transgressão”. O espírito religioso cristão percebeu a sacralidade transgressiva contínua e, assim, a condenou. O movimento da continuidade foi concebido pela via religiosa como algo perdido pelo mundo profano e reencontrado em Deus. Caso não existisse essa espera de retornar à casa paterna, seus fies ficariam à mercê da descontinuidade solitária. Entretanto, a partir desse espírito religioso houve a confiança na ideia de uma proteção incondicional de todos os males e violências. Assim, o entendimento sobre o mecanismo de radicalização dos aspectos que circundam o cristianismo pode se estender a outros segmentos religiosos, pois, essa obsessão em

condenar tudo que está alheio a sua doutrina é expressão cabal do medo que o indivíduo possui da solidão e da morte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA EDUCAÇÃO TRANSGRESSORA

A obsessão de introduzir desde a infância a noção maniqueísta, da disputa entre o céu e o inferno, guia a educação sob o protótipo de um Deus (figura do pai) justiceiro, que lança castigos às crianças levadas. Em seu processo de crescimento as crianças passam a ser seres amorfos e abúlicos; crescem como se não tivessem vontade, desejos, pensamentos próprios, criam traumas, fragiliza-se sua função cognitivo-psíquica. Por isso, Freud advoga por uma educação laica, na qual crianças e jovens possam, por meio do desenvolvimento intelectual, realizar suas próprias escolhas:

Não será possível que justamente a educação religiosa tenha boa parte de culpa por essa relativa atrofia? Acho que uma criança livre de influência demoraria muito para começar a refletir sobre Deus e as coisas do além. Talvez essas reflexões tomassem os mesmos caminhos que percorreram nos antepassados da criança, mas não esperamos por esse desenvolvimento, inculcamos nela as doutrinas religiosas numa época em que não tem interesse por elas nem capacidade de lhes compreender o alcance. Postergação do desenvolvimento intelectual e antecipação da influência religiosa — não são esses os dois pontos principais na agenda da pedagogia atual? Quando o intelecto da criança desperta, as doutrinas religiosas já se tornaram inatacáveis. Ou você acha que contribui para o fortalecimento da função intelectual que uma área tão relevante lhe seja interdita com a ameaça dos castigos do inferno? Se alguém chegou a aceitar todos os absurdos que as doutrinas religiosas lhe apresentam, sem críticas e sem enxergar inclusive as contradições entre elas,

não devemos nos espantar com sua fraqueza de intelecto. Mas não temos outro meio de controlar nossos instintos senão a inteligência. Como esperar que indivíduos sujeitos a proibições de pensar alcancem o ideal psicológico, o primado da inteligência? (Freud, 2014, p. 132).

Freud destaca a influência da educação religiosa no desenvolvimento intelectual das crianças e sugere que a exposição precoce à doutrina religiosa pode limitar o questionamento intelectual e seu fortalecimento. Ele argumenta que impor crenças religiosas a jovens que ainda não são capazes de compreendê-las plenamente interrompe o desenvolvimento normal das habilidades de pensamento crítico.

Percebe-se que os autores – Freud e Bataille –, cada um a seu modo, alertam para os riscos do pensamento dogmático na formação intelectual. Freud vê na introdução precoce da religião uma interrupção do desenvolvimento crítico, e Bataille sugere que a verdadeira educação deveria libertar o indivíduo de convenções e verdades impostas. No contexto escolar, isso implicaria a criação de um ambiente, onde a reflexão crítica fosse mais valorizada que a obediência ou a repetição de crenças. Assim, a educação ultrapassaria um processo de aquisição de conhecimento, o que contribuiria no fortalecimento da capacidade de pensar de forma independente, sem submeter-se a verdades absolutas, possibilitando uma postura crítico-reflexiva da formação do indivíduo.

A introdução de Georges Bataille na sala de aula, particularmente através de seus conceitos transgressão, interdito e tabu, pode ser articulado as teorias de Sigmund Freud e uma proposta educacional transgressora. Isso visa quebrar barreiras estruturais e epistemológicas que o ambiente educacional revela. Embora Bataille não tenha abordado diretamente o

ensino-aprendizagem, seus escritos oferecem *insights* sobre o papel da educação como um espaço de liberdade e crítica. A partir de seus conceitos, pode-se deduzir que a escola deve ser uma instituição onde a transgressão intelectual é possível e incentivada, uma vez que a verdadeira aprendizagem ocorre quando o estudante é livre para explorar ideias além dos limites convencionais e questionar normas estabelecidas.

Freud examina os tabus como componentes fundamentais da estrutura da sociedade, normas culturais que não são apenas repressivas, mas moldam as normas sociais e as subjetividades. O tabu está ligado à proibição e ao desejo, agindo como uma barreira que controla os impulsos inconscientes e cria uma tensão entre o indivíduo e a sociedade. Por outro lado, Bataille também entende a violação como um ato que reafirma o limite, em vez de simplesmente quebrar as regras. Segundo ele, não existe interdito (ou tabu) sem transgressão; ambos são componentes de uma dinâmica que estrutura a existência humana. Nesse sentido, a transgressão é um momento criativo que desestabiliza as normas e abre portas para novas formas de compreensão das existências no ambiente escolar.

É necessária uma escola que não pleiteie preceitos religiosos como o farol de suas atividades, ou seja, os estudantes não podem realizar determinada ação sendo movidos por doutrinas religiosas. A escola deve ser um espaço onde a dúvida e a criticidade fertilizem o terreno da imaginação e possam promover discussões sobre erotismo, sobre a importância de transgredir ideias e atitudes que revitalizem a criatividade discente. As instituições escolares devem começar a nutrir o encontro dialógico, segundo o qual professores e estudantes compartilham problemas, angústias e subvertem o esquematismo da sala de aula – inspirado no século XVII –

para experimentar temáticas desconhecidas e que até então são consideradas tabus (menstruação, violência, gravidez, sexualidade, morte). Sendo assim, subverterão a lógica sacrossanta conteudista dos livros didáticos.

A partir das leituras de Bataille, o ensino de filosofia pode explorar a relação entre interdito e transgressão, elementos que ele define como a “mola propulsora do erotismo”. Esse movimento não representa um simples “retorno à natureza”, mas uma suspensão temporária do interdito sem sua completa supressão. Historicamente, o erotismo, alvo de críticas das religiões e dos conservadores, foi muitas vezes visto como um tema que promove a sexualização. Em contrapartida, o bem, idealizado pelo homem civilizado, rejeita a violência e se coloca como protetor da ordem e da moral. Paradoxalmente, ao estabelecer proibições, essa formação civilizacional também engendra agressividade. Esse paradoxo sugere que qualquer forma de repressão ou controle pode ser entendida como uma forma de violência.

Adotando esses conceitos no campo educacional, sugere-se que as escolas usem essa relação entre tabu e transgressão como uma ferramenta para superar preconceitos, discriminação e estruturas opressivas. Tabus e interditos não podem ser vistos como fatos fixos e imutáveis. Os educadores devem usá-los como trampolins para discussões que desafiem conceitos preestabelecidos e discriminação sistêmica. Não é necessário que a educação seja uma ferramenta de doutrinação, mas agente para promover o pensamento crítico-reflexivo. Isso não implica o domínio do pensamento sobre as emoções, à medida que os sentidos se tornam relevantes para os autores.

A abordagem educacional transgressiva consiste na promoção de momentos que incluam toda e qualquer contribuição dos estudantes no

ambiente de ensino-aprendizagem, onde a relação entre o professor e o estudante seja fortalecida por meio da troca de ideias e sentimentos, contribuindo no desenvolvimento de aprendizagens significativas. A ausência de pressões avaliativas tradicionais como os exames bimestrais e a inserção e incentivo de projetos transforma o aprendizado em um processo de descoberta e autodescoberta, com ambas as partes envolvidas ajudando a construir sentidos compartilhados.

Por fim, influenciada por Freud, a teoria de Bataille reflete comportamentos humanos que, embora anteriormente rejeitados, são cruciais para o processo educacional. A vivência transgressora no processo de formação procura abrir espaço para o debate de temas filosóficos no ambiente escolar, tratando de assuntos frequentemente reprimidos, como o erotismo, devido a tabus e receio de julgamentos. A interação entre filosofia, teatro, música, poesia e literatura, focando nos conceitos de transgressão e erotismo, pode fomentar um ambiente de colaboração na escola, onde os estudantes trocam suas experiências de pensamento.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *La parte maldita: precedida de la noción de gasto*. Trad. Francisco Muñoz de Escalona. Barcelona: Editorial Icaria, 1987.

BATAILLE, Georges. *A história do olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BATAILLE, Georges. *O culpado: seguido de A aleluia*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017a. Suma ateológica v. II.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017b.

BATAILLE, Georges. *Teoria da religião: seguida de Esquema de uma história das religiões*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DE AQUINO, João Emiliano Fortaleza. “Materialismo e dialética em Georges Bataille”. In: *Philosophos - Revista de Filosofia*, v. 15, n. 2, p. 83-102, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/10339>. Acesso em: 10 nov. 2024.

MORAES, Eliane Robert. “Os traços de Eros”. In: BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FORTES, Isabel. “A dimensão do excesso: Bataille e Freud”. In: *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 13, p. 9-22, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/10339>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FREUD, Sigmund. *Obras completas: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-19214)*, Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 11 (versão digital).

FREUD, Sigmund. *Obras completas: Inibição, Sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão (1926-1929)*, Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17 (versão digital).

HEGARTY, P. *Georges Bataille: Core cultural theorist*. London: Sage Publications, 2000.

JORON, Philippe. *A vida improdutiva: Georges Bataille e a heterologia sociológica*. Trad. Tânia do Valle Tschiedel. Porto Alegre: Sulina, 2013.

NOYS, B. *Georges Bataille: a critical introduction*. London: Pluto Press, 2000.

OLIVEIRA, Manoel. “Abjeção em Julia Kristeva: interlocuções com Sigmund Freud e George Bataille”. In: *Anãnsi: Revista de Filosofia*, v. 2, n. 1, p. 64-77, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/10339>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, Anderson Lopes da. “Corpo e transgressão em Bakhtin e Bataille: um debate de excessos”. In: *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 17, n. 4, p. 9-34, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/NQRdTznFxm77hySpBWRJwH/>. Acesso em: 12 nov. 2024.